

Suponha um tempo.

O tempo das repetições sagradas. Um tempo circular, perfeito e imutável, um tempo eternamente idêntico a si mesmo. Suponha nesse tempo mítico, o tempo das revelações. O tempo em que algo excepcional retorna periodicamente no ritual. O tempo em que retorna a origem do mundo, a memória do tempo prodigioso do princípio, arquétipo exemplar de toda criação humana. Um tempo em que retorna um deus resplandecendo para além do ordinário do cotidiano e da fluidez amorfa dos espaços. Suponha um tempo em seu *continuum* histórico, que flui na linearidade, no encadeamento ininterrupto dos instantes que se sucedem. O tempo da evolução e da finalidade histórica realizada. Suponha um tempo no fim frustrado da História, no egresso dos deuses, no luto da origem. Um tempo de esquecimento. Suponha um tempo. O tempo das repetições em série. O tempo das imagens tecnológicas. Um tempo circular e sem saída, um tempo eternamente idêntico a si mesmo.

Os objetos aqui dispostos por Monica Mansur são circulares: gravuras comprimidas em um anel das quais só se revelam os limites cortantes do papel. Redomas que encerram à asfixia tecidos dos quais só se vêem as dobras. Espelhos redondos incapazes de refletir graças a uma película opaca a eles aderida.

Todos — os anéis, as esferas, os espelhos — cintilam em um espaço de onde foram apagados os traços e as coordenadas físicas que o inscreviam no mundo. Cintilam sobre um fundo negro.

Todos — o papel, o tecido, a película — têm um mesmo signo impresso, mas cuja imagem teima em ocultar-se. Não é dado ao espelho o direito de refletir ou à imagem (copiada infinitamente) substituir o original, e assim, como por uma espécie de torpor, cintilar sobre o vazio de um deus impossível e apaziguar, por ofuscamento, a dor desse desamparo. Não é permitido o brilho anestésico da imagem, o vício da superexposição do mundo contemporâneo seriado em seu perpétuo encenar-se.

Os objetos aqui esquivam-se às revelações: tudo é dado a repetir-se, tudo é dado a esquecer-se, tudo é dado a ocultar-se. Tudo é dado a repetir-se para que nas ressonâncias sem fim, a ausência cintile no lugar da presença. Mas que cintile!

Que cintile o eco vazio da repetição, a sombra que se projeta do abandono da aura. Essa trama do espaço e tempo na qual, segundo Benjamin, se dava a aparição de uma distância, um algo que estava alhures e que superava o objeto no qual este se manifestava. A manifestação de uma transcendência no aqui e no agora excepcionais de uma obra de arte. (A aura do único extraviou-se nas incontáveis reproduções mecânicas ).

Pois que cintile a aura negativa no lugar da aura. No lugar? Não há lugares no aqui sempre igual da série. Que cintile o aqui ordinário na desapareição do alhures.

Que cintile o agora banal na desapareição da eternidade.

Que cintile os instantes nas horas idênticas. Instantes extorquidos, no jogo das substituições e das equivalências do mesmo, do que lhes é próprio: diferenciar-se eternamente.

Que cintile a própria repetição em seu tempo circular e o repetido apagar-se. Que cintile o rastro do rastro, a sombra da sombra, o eco do eco.

nas repetições, quem sabe entre suas frestas, nas dobras do tecido, na opacidade do espelho, algo escape e corrompa tanto a cadeia sufocante da série quanto o universo exemplar dos deuses.

Nas repetições, disse-me alguém, nada se repete de maneira idêntica, nem os deuses, nem os homens, nem as técnicas. (Oculto entre as frestas, algo teima em reivindicar uma existência, um lugar e um instante: cintila, do interior da série, o diferido).

SUPONHA

QUE CINTILE

NAS REPETIÇÕES

O DIFERIDO.

Marisa Flório César